

Deponente: Sÿanete (Apynaera Pataxó)

Entrevistador: Juliana Ventura, Marco Túlio Antunes Gomes, Paulo Repolês

Data: 09 de março de 2017

SYANETE ALVES BRAZ: Sempre, sempre a gente não deixa de não... Mesmo assim, a gente não... De todo jeito a gente... Mesmo os mais novo não deixa passar, alguma coisa assim.

ENTREVISTADOR: Com certeza.

SYANETE ALVES BRAZ: Né (trecho incompreensível)? Né, Marinalva? Né, os meninas? Então assim, tem aí uma (trecho incompreensível) mais velho, e em só há uns anos, mas também como até agora, né Assim, principalmente na luta indígena aí, né. Na luta aí indígena aí, ela não deixa de não encontrar essas barrinhas que se leva o nome a isso, não só aqui mesmo, né. De... Das pessoas que são aí, como diz os homens-grandes, né. Não deixa de ver a gente como minoria, né.

ENTREVISTADOR: Sim.

SYANETE ALVES BRAZ: Pessoas que talvez para muitos, acha que é uma pessoa sem valor, né Pessoas que não são capazes, né Então assim, isso tudo vem uma... Como diz o dizer normal, com fraqueza assim, bem em cima do índio, né. O indígena. É como se ele não fosse nem assim, desse preconceito, né. Que o preconceito, ele já vem como se fosse um... Até uma forma de se usar uma ditadura em cima de um indígena, né. Então assim, e a gente como teimoso, tem que ser teimoso mesmo, né. Tem que insistir, né Insistir ali e bater o pé firme no chão, erguer a cabeça, e botar dentro aí para a sua comunidade, para seus filhos, seus netos que tem que passar por cima disso, né. para poder ser quem... Mostrar quem a gente é, como muitos acha que a gente é isso que eu falei. Mas assim, dentro do... Eu posso falar um pouco né, dentro do que a gente quando veio para aqui, né

ENTREVISTADOR: Sim.

SYANETE ALVES BRAZ: Inclusive, outro dia mesmo a gente teve uma aula, né os meninas? Sobre... Contando a história né, de quando a gente veio para aqui, passando a verdade para esses meninos né, esses meninos mais novos que não sabem, que não sabia, que não sabe direito ainda como que a gente... Foi a vinda da gente para cá, o porquê né. E como que a gente conquistou né, que luta que teve né, que teimosia que tivemos né, para poder conseguir essa terra né E ainda muitos aqui,

quando chegaram aqui, ainda também, ainda tocaram essa luta ainda né, como o CLÓVIS, né CLÓVIS? Tem muitos anos que mora aqui. VALMORES também, que chegou aqui um menino novo aí né. E aí essas meninas minhas aí né, genro também que é até bem madurinho aqui já né, já tem uma história aqui. Então aí vem o controle. Mas que, na verdade, a gente... Quando eu cheguei aqui na década de 84 né (trecho incompreensível) de 84. E aí então, quando a gente tem a história de quando foi o porquê essa terra né Mas que eu não sei se vocês sabem né, por aí. Essa terra foi... Era de um Português né, pois então deixou aí para o Estado e aí foi a luta da gente com o Estado né. Então lá na década de 70 né, aí eu não morava aqui ainda né, mas a gente sabe quase tudo né Então assim, é uma coisa bem... Porque bem (trecho incompreensível) quando eu vim né, e mais meu marido que veio nessa data aí né. Como outros também que ainda estão aí na Fazenda Guarani que vieram para cá né. Que primeiro, para poder eles sair da Bahia né, da terra lá também foi... Teve causa, porque veio de lá né. Então veio de lá, porque também... Hoje também, ainda a gente vai chegar nesse ponto, como eu falei que até hoje a gente ainda se encontra, dessa forma, coisas que aconteciam antigamente e acontece até hoje. Mas que então na década de 70 né, aí vieram para Minas né, devido, como você falou aí, os outros parentes também daqui de Minas Gerais, só existia aí era Maxakali, Xacriabá e Krenak, né. E até nessa data aí eles já tinham a maioria de suas terras perdida né, para o homem, o homem branco aí, o fazendeiro né. E eu acredito que sim, que isso aí foi devido também aos próprios governo né, porque sabia na época, assim, na época de 70, a nossa... Eu não sei né, até aí qual era o governo que era de Minas Gerais né, mas na década de 80 eu sabia, eu sei, que vai chegando aí nesse pedaço. Então essa... Aí eles vieram primeiro né, principalmente meu marido, veio para uma terra que era em Valadares né. Quando o índio, ele fazia um mal feito né, como dizem os mais velhos, ele era transferido de uma aldeia para outra né.

ENTREVISTADOR: Uhum.

SYANETE ALVES BRAZ: Para que ele... Como se fosse ele cumprir uma pena né. Qualquer... Às vezes, não chegava nem a ser o ato de morte, de corte, mas, às vezes, eles tinha uma intrigazinha e achava logo melhor pegar aquele índio e levar para uma outra aldeia, para ele ficar fora daquela comunidade, acho que era... Tinha como prender ele né, para ele aprender a lição, alguma coisa assim. É como se botar um menino, hoje, de castigo né.

ENTREVISTADOR: Sim.

SYANETE ALVES BRAZ: Para ele nunca mais vai fazer isso. “Se ele fez isso, mas nunca mais vai fazer, porque você vai ficar aqui, você vai ficar sem...” Como hoje, sem ver a televisão, sem comer a comida, a coisa que você mais gosta. Não, agora não. Então acho que eu... Conforme, mais ou menos, dessa forma né. E aí como sabia que o índio, ele era... Ele sempre foi apegado à sua família né, a sua terra ali, eles faziam isso né. Você vê que só aí é uma ditadura, que já faziam né. E aí tirava ele dessa família dele. Se ele fosse casado, ele deixava o filho lá, as mulheres, os pais, e vinha sozinho, cumpria ali aquela pena ali né. E assim foi né, quando eu entrei, né. Apesar que também... Aí então vieram logo para uma terra em Valadares né, que é aonde chamava... Tinha uma fazenda também do Estado né. Que a FUNAI se ajeitou por lá por ser governo também né, por ser órgão Federal e no Estado, não é? Aí se ajeitaram lá, então entrou essa terra para que esses índios né, ali cumprissem essa pena. E então isso foi na década de 70 né. Depois, passados uns anos, eles, o Estado precisou dessa terra né, aí já não dava mais para a FUNAI, não deu mais para a FUNAI para ser refúgio de índio né, um presídio de índio. Aí, nesse meio tempo, os índios já... Aí alguns já voltaram para a sua terra né, outros tomaram em direção para ir para outras terras né. Então aí para ir para essa terra aqui né, meu marido e meu cunhado né, como eles vieram né. Como eles fizeram um artifício lá né, aí eles foram tirados também de Barra Velha para vir para cá, pra vir pra essa terra aqui que já era já do governo, porque o dono daqui já tinha entregado... Já estava... O governo passou a mão porque o dono não pagava mais... Como é que diga? Imposto de renda né. Então chegou uma época que ele ficou para o Estado e o Estado (trecho incompreensível) né. Então aí houve a necessidade dos índios Krenak, dos Guarani, que vinham também, como aqui é Minas e Espírito Santo, assim, é comando de Valadares né, que Valadares é no comando de Minas e Espírito Santo né. Aí veio índio também do Espírito Santo, que vinham de São Paulo para a sua terra. E aí veio para aqui também, enquanto os fazendeiros lá para sua terra e o governo fechou também, eles com a FUNAI. E aí eles não tinham essa terra perdida e eles vieram para cá, também aqui para a Fazenda Guarani, e aqui foram ficando. Então aí também veio outros índios que também era... Teve um caso de um Maxakali também aqui. E aqui também seria para índio acontecendo como refúgio de alguns índio que perderam essa terra, como eu falei né, e também era como um presídio para os índios que faziam... Tinha feito alguma arte nas suas aldeias de origem. Então trazendo no navio, né. E aqui tinha... Tinha não, tem cadeia até hoje aí na área sete lá. E eles foram

ficando aqui, né. Então uma das coisas que a gente fala assim para o Pataxó é que ele sofreu muito, sofreu muito aqui. Porque ele vem de um... Assim como outros índios, mas muitos índios aqui já eram de Minas, já tinha o seu adaptar aqui. Mas os Pataxós sofreram mais por falta do seu sustento né, que não era... Não se adapestavam com o seu jeito de vida daqui né. E aí então de comida, de marisco, de farinha de mandioca, de tudo né... Ele era acostumado. Peixe né, que aqui não tinha, tinha essas piabinhas por aí fora. Mas isso tudo eles sofreram né E então eles vieram para cá, meu marido, o meu cunhado também que já faleceu, o Senhor Manoel que também morou aqui, veio logo na década de 70 também, em 70, 73, por aí. 71, 72, iam chegando índio para aqui ainda né. Então eles ficaram aqui e a FUNAI, ela se propôs a deixar os índios aqui. Fez essa negociação com o Estado e aí, quando eles chegaram aqui, então eles eram... Aí aqui era um lugar de treinamento de polícia e aí misturou o trem tudo aí...

ENTREVISTADOR: Ah, é?

SYANETE ALVES BRAZ: É. Então assim, os índios também foram, foram também... Qualquer coisa que eles faziam, eles já era amedrontado também pela própria polícia, porque vieram para um lugar que é onde vinham cumprir sua pena, chega aqui e se encontra com esse bando de polícia aí. Então aí acabou de mais, e amedrontar esses índio para paralisar. Então eles ficaram por aqui muitos anos. E foram ficando aí, ficando, ficando, ficando, né? E alguns índios, como meu marido mesmo e meu cunhado sempre ia para Barra Velha, eles tiravam eles, faziam eles voltar de novo. Tinha que ficar aqui, é obrigado eles a ficar aqui. E eles ficaram assim muito tempo aqui nesse vai e vem. Quando chegava lá, eles volestavam né. E quando chegava até Valadares, às vezes, veio aqui pessoas da polícia buscar eles aqui para prender né. Chegou em Valadares prenderam, porque eles não podiam fazer mais outra arte e não podia sair daqui, desobedecer. E assim foi, e então eles eram obrigados a ficar aqui. E aí, então, quando passaram muitos anos, aí ele... O que a FUNAI fez? Eles tiraram, fizeram um... Aí o Estado quis a terra de novo, queriam essa terra de volta com a terra antiga lá, perto de Valadares. E aí eles queriam, o Estado queria de novo. E o que a FUNAI fez? Então aqui... Aí aqui já tinha um bocado de índio já com o jeito... Já tinha cumprido a sua pena, aí gostou daqui.

ENTREVISTADOR: Uhum.

SYANETE ALVES BRAZ: E aí não queria mais voltar para Bahia né. E aí, muitos já puderam trazer a sua família para cá e aqui começaram a viver uma vida de família

mesmo. Já esqueceu o problema que teve como se fosse ficar preso, já esqueceu, até acho que já saiu da mente deles que eles não estavam presos. Agora tem que viver uma vida normal, com sua família, trabalhar e tudo. E aí, quando eles tomaram gosto aqui, se adaptaram, na verdade, com essa terra, a FUNAI foi e fez isso de... Aí o Estado quis até... O que a FUNAI fez? Abriu mão. Aí nesse meio tempo uns índios tiveram que voltar para sua terra. Voltaram para a sua terra, que é os Krenak, os Guarani também voltaram para a sua terra: “Não, vai ter que ir”. E aí foram e aí ficaram com os Pataxó, os outros índios que eram, que estavam aqui como presidiário, aí voltaram para a sua terra e ficou Pataxó, Pataxó gostou daqui. Nesse meio tempo que esses Pataxó estavam aqui, que como eu falei, já não estavam mais como presos, que aí cumpriu a pena e quisesse voltar por livre vontade, que pudesse voltar aqui, que aí eles não iam voltar eles pra cá a força de novo, eles gostaram daqui. Nesse meio tempo, Barra Velha já estava... A terra já diminuindo, porque o governo de lá tomou a maioria da terra de lá, então deixou muitos índios lá,... Para nós é uma “correinha” de terra né. No mundão que teve, que era o Parque Nacional... Que hoje é nacional para ele, era dos índios. Aí veio uma divisão no meio, acho que foi na década de 78 á 79, por aí, quase beirando 80. E aí foram... Aí um bocado desses índio que estava aqui, já não queriam mais voltar para lá, porque os índios já estava medindo mais e a maioria de terra que estava ficando pros índios é areia branca. Claro que eles gostam dessa areia branca, que é o lado de uma terra que é aonde sai o seu sustento né, que é o manguê, que é o mar, mas para o trabalho, para o cultivo de roça... Por ter sua terra, mesmo que não trabalhasse né, mas só a diferença de mundão de terra e caça, rio, para eles era um... É a riqueza do índio né. Aí eles já não queriam mais voltar para lá, porque a Barra Velha está em medição de terra, a terra ficou pequena, não tá dando nem mais para os de lá né. Estão tirando os índios lá do local que era terra indígena, botando para cá, para terra onde estava ficando pequena. E foi àquela danação danada né. Aí eles não quiseram mais ir né, mas a FUNAI, quando chegou um tempo, aí já foi na década de 80... Aí eles ainda estavam por aqui, tinha poucos índios, só os Pataxó que já estavam, mais ou menos, por aqui sozinho. E aí eles bateram pé e não queriam sair não, já não queria mais voltar para a sua terra. E aí quando chegou na década de 80, 82, 83, por aí, aí já foram tirando. A FUNAI mesmo já veio tirar os índios né, os que não queriam voltar para a terra natal. Aqui em Barra Velha, eles pegaram e jogaram lá para o lado do Espírito Santo, em uma terra aonde que não tinha nada a ver também, que eles iam sofrer mais ainda, porque quando

sofreram, quando vieram para aqui a primeira vez, tiraram, mandaram os índios tudo embora e aí ficaram algumas famílias, ficaram quatro famílias aqui. E aí meu marido mais o meu cunhado, um deles, foi um deles que foram embora né E aí quando ficou essa terra aqui, eles... Esses ficaram aí a FUNAI caçando brecha, lugar, para saber onde é que iam botar eles, porque tinha que tirar daqui. Porque, na verdade, o que a FUNAI fez? Ela entregou a terra para o Estado de novo, né Mas não respeitou que os índios queria essa terra para morar aqui,. Então foi um do órgão aí que não ajudou né, logo para que ficasse todo mundo junto aqui, tirou um bocado de gente para sofrer aí nesse mundão afora aí. E, nesse meio tempo, o meu marido chegou, foi embora para a Bahia. Aí chegando lá, em 80, eu casei com ele né, casei com ele e aí passado um... Acho que foi uns poucos tempos né, 83, por aí, a gente deu vontade de vir embora para aqui. Aí quando a gente veio, aí a gente veio mais o meu cunhado de novo, porque já gostava dessa terra. Aí foram para... O que nós fomos fazer? fomos direto para Brasília para ver se tinha essa terra ainda aqui. Chegando em Brasília: “Não, vocês vão ter que ir embora para as terras de origem, vocês não vão para lá...”

ENTREVISTADOR: Quem disse isso?

SYANETE ALVES BRAZ: O Presidente da FUNAI, né.

ENTREVISTADOR: Ah, sim.

SYANETE ALVES BRAZ: Falou: “Não, vocês não têm que ir para lá não, que lá já acabou, lá não tem índio mais não. Os índios que tinham lá, na época que tiraram vocês, já foram mandados todos para o seu lugar, a terra lá é do Estado”. Aí, tá, voltou nós de novo né. Aí nessa época eu já estava, aí eles deram a passagem para nós até Belo Horizonte, em Belo Horizonte eles deram dinheiro. O que nós fizemos? Aí, então vamos na procura dos outros parentes que saíram da terra ainda com medo de vir para cá né, porque se viessem, eles iam botar a polícia, como eles queriam botar também ali na primeira vez né, para tirar daqui. Então só estava essas quatro... Quatro famílias, né Valmor, que estava aí, né?

VALMORES: Uhum.

SYANETE ALVES BRAZ: E eles estavam aí, mas ainda não tinham botado a polícia, porque eles estavam caçando lugar, a própria FUNAI estava caçando lugar para botar essas quatro famílias, porque os outros já tinha tudo ido embora. Mas, como não só é tempo, eles procuram que não procuram, mas só que deixaram eles aqui por conta do “Deus dará”, eles estavam em procura, dizendo eles, que estava em procura de terra para botar eles, mas deixaram eles aqui por conta do “Deus dará” né. Aí tirou a

saúde, tirou toda a assistência que davam né, deixou eles aí se virando aí, vendendo banana-verde em reuniões e caçando laranja, que aqui tinha muita fruta né. Vendendo em Guanhães e deixaram eles se virar aí, ficaram por conta do pau, como diz os mais velhos né. Então nesse meio tempo nós estávamos pelejando para voltar para cá, foi o que aconteceu. A gente foi para Vitória, encontrou com essas famílias que a FUNAI tinha tirado daqui, eles disseram assim: “Oh, lá acabou tudo, tudo. Não sei nem como que está aquela terra lá”. Aí o que nós fizemos? Aí eu nunca tinha saído de Barra Velha, meu marido chegou e falou assim: “Quer ir embora para lá? Quer ir, nós não vamos para Barra Velha não, nós vamos para lá”. Isso nós já estávamos no Espírito Santo, atrás desses índios que tinham saído daqui. Aí chegou lá e encontrou com os índios Guarani, que tinham saído daqui, outros índios Pataxó, que já estava no Espírito Santo, que tinham saído daqui. E eles.... Aí: “Vão embora? Vamos” ficamos um tempo lá, só um tempo de trabalhar um pouquinho e viemos. Chegou aqui e nós já não passamos mais em Valadares com medo deles impedirem né. Aí passemos direto né.

ENTREVISTADOR: Itabira.

SYANETE ALVES BRAZ: Itabira, sim. Em Itabira arrumamos carona e chegamos até aqui né. Quando chegou aqui, a FUNAI bateu e disse: “Não, não vai ocupar aí não, porque essa terra já está entregue ao Estado”. Mas como a gente sabia né, aí tinha gente que sabia do CINE disse, não sei se vocês sabiam...

ENTREVISTADOR: CINE, sim.

SYANETE ALVES BRAZ: Então, o CINE que veio falar. Aí quando soube que eles sabiam que nós tinha vindo embora para aqui né, que tinha um escritório do CINE aqui em Vitória...

ENTREVISTADOR: Em Vitória?

SYANETE ALVES BRAZ: É. E eles sabia que nós tinha ido em Vitória. Aí descobriram, também descobriram que a FUNAI tinha a terra e falado que aqui não tinha índio, como a gente sabia que eles tinham vindo para cá, só que o CINE não sabia que essas quatro famílias estava aqui, aí o CINE: “Não, lá sim. Para lá foi família indígena”. E aí eles contaram, estava com dois meses, eles vieram aqui. Aí chegou aqui... Não, só faltava a assinatura da própria FUNAI, para poder desacuar os índios que estavam aqui né, aí nós fomos. Aí eles entregaram essa terra e então essa, aí já foi um... Para a gente adquirir ela, já foi uma luta né. Aí nós já fomos... Já correu atrás e o CINE também, outros órgãos não governamentais, mas o órgão que tinha competência em ajudar a gente, né

ENTREVISTADOR: Sim.

SYANETE ALVES BRAZ: E aí nós fomos a luta, mas eles querendo tirar daqui: “Não, não tem mais índio”. Aí o CINE veio aqui, tirou foto das famílias que estavam aí, das que já estavam aqui, aí a gente chegou também, aí chegou de novo, a gente acabou de reforçar e falou que daqui a gente não saía mais não, né. Então eles tiveram que engolir a gente, né. A gente teve que bater o pé né, e dizer que daqui não saía, só saía morto agora. Que a FUNAI tinha vontade assim, o (trecho incompreensível) não saía não e era uma terra que a gente sabia que... E aí os índios já tinham tomado amor por essa terra né. Talvez até mesmo pelo próprio sofrimento que sofria aqui e resultou no final como amor pela terra. E aí nós fomos lutar por essa terra e, mesmo assim, sempre dizendo: “Não”, mas a gente dizia sim, que queria. E aí isso já foi na década de 84 né. Aí começou a luta pela... A luta verdadeira né, já não foi mais luta para aqui ser presídio, para ficar aqui como presidiário, já foi uma luta para adquirir essa terra para ela ser uma terra indígena. Mas não foi fácil para ninguém, pelos órgãos não, assim, eu digo assim, pela própria FUNAI né, depois ela viu que os índios não arredaram o pé e aí a gente já não procurou mais ela. A gente já procurou direto assim, para conquista da terra, com o próprio governo de Minas Gerais na época, que era o Tancredo Neves, que ele era governador de Minas Gerais. E aí ele foi saber da verdade, que tinha índio. Ele mandou pessoas aqui para verificar, para pesquisar, para ver se realmente tinha indígena aqui, como o CINE levou para ele o conhecimento né. Que a FUNAI estava falando que não tinha e o CINE falava que tinha, eles mandaram vir aqui. E aí eles aceitaram né, então aí já foi... E aí quando a FUNAI viu que a gente já estava lutando pelos próprios pés mesmo, com muita dificuldade, com muito sofrimento, passava fome, bebia água quando achava, ia para Belo Horizonte e andava naquele lugar lá de pé e corre aqui, e corre ali... Isso não foi com uma nem duas reuniões, nem três, foi muito tempo né. E aí a gente... Aí eles já começaram a querer juntar a gente... Aí com a luta, daqui do povo Pataxó, aí eles viram que a gente não ia arredar o pé. Eles aqui jogaram a luta do Krenak, Maxakali, os Xacriabá junto para ser uma luta só com o povo Pataxó daqui, né. Mas que o povo Pataxó sofreu muito, sofreu aqui, assim como outros índios também, que já estava na sua terra natal aí, de origem. E a gente, como muitos brancos falam que aqui não é terra de origem nossa, mas hoje ela é, né. Então assim, hoje a gente já tem outra história para contar de luta aí né. E aí como a gente fala, a luta da gente não acabou ainda e acho que não vai acabar, vai ser sempre essa luta aí né, que uma hora a gente... Eles fala sim, outra

hora fala não e a gente tem que insistir para poder... Então é... Mas não foi fácil né, adquirir essas terras indígenas. E aí fomos buscando parente para poder ajudar a gente também nessa luta, sofrer junto com a gente, um deles foi ele, né CLÓVIS?

CLÓVIS: Uhum.

SYANETE ALVES BRAZ: Sofreu muito aqui também né, para poder... E isso com muito sofrimento. Aí depois o outro velho que estava aí também né, que era o Senhor Manoel, também buscou a família dele também né, para poder... O senhor chegou aqui com quantos anos, Valmor?

VALMORES: 15.

SYANETE ALVES BRAZ: 15 anos né. Então aí a gente teve o sim do governo na época, aí nós fomos lutar para poder ter a conquista da terra e ela é demarcada né, hoje ela é demarcada. Então mais que justo, e sofreram muito quando chegou por aqui.

ENTREVISTADOR: JANETE, a senhora lembra ou teve notícia desses indígenas que foram presos aqui no Guarani?

SYANETE ALVES BRAZ: Eu, lembrar não lembro não, mas eu tenho notícia né

ENTREVISTADOR: Quando a senhora chegou já não havia mais?

SYANETE ALVES BRAZ: Já não havia mais, porque eles eram presos aqui na época da polícia.

ENTREVISTADOR: E como que era essa época assim, o que a senhora sabe?

SYANETE ALVES BRAZ: Eu sei que aqui era um lugar de treinamento de polícia né, aí logo, logo o Estado... Essa terra aqui ficou para o Estado né, então como o Estado não tinha o que fazer, botou para aqui ser um lugar de polícia treinar né. E acho, que sabe lá Deus como que é esse treinamento deve ser executando gente por aí afora né, porque era assim que eles queriam fazer com os indígenas. Como os indígenas não tinham direito de sair daqui, foram obrigados a ficar aí né. E aí, acho que depois então, acho que a FUNAI... Que muitos índios foram preso ainda aí né, foram espancados nesse meio por aí, para não sair daqui né. E aí, depois, acho que a FUNAI deve que... Não sei que negociação que eles fizeram, que o próprio Estado retirou a polícia daqui, mas eu conheci uma mulher ali em baixo que tem um filho hoje, já morreu né, mas tem um filho ali, ela disse que quando eles saíram daqui também, por conta da própria polícia, a própria polícia que chegou daqui para poder retirar eles... E porque a terra era do Estado e retirou eles e assim que vão fazer com os indígenas né, para poder... Mesmo com a FUNAI negociando com o Estado, para os

indígenas, para que... De refúgio, para quem tenha perdido suas terras né, assim como sendo presidiário aqui, aí a polícia também ainda botava na mão neles ainda e tá a prova além de ter uma cadeia lá ainda, né

ENTREVISTADOR: Sim.

SYANETE ALVES BRAZ: Essa cadeia, muitos índios provou dela. Mas não foi no meu tempo não, não era para ser...

ENTREVISTADOR: Os Pataxós também ficaram presos aqui ou só os Guarani, Krenak?

SYANETE ALVES BRAZ: Eu acho que só os Guarani, os Krenak. Aqui teve índio Curio, teve índio... Aquele índio Karajá, teve um monte de índio né, quando na década que eles vieram para cá, já eram mais... Aliás, a polícia depois logo, logo já foram saindo né. E a FUNAI já foi tocando os projetos daqui.

ENTREVISTADOR: A senhora lembra desses projetos assim, o que era?

SYANETE ALVES BRAZ: De gado.

ENTREVISTADOR: De gado?

SYANETE ALVES BRAZ: É. Gado, plantação de milho, plantação de feijão.

ENTREVISTADOR: Mas aí já com os Pataxós?

SYANETE ALVES BRAZ: Era com os Pataxós. Com os Pataxós, Krenak e Guarani. Valmor, quer falar alguma coisa?

VALMORES: Não, eu só queria saber deles assim, vocês provavelmente pesquisaram né, em relação aos Pataxós...

ENTREVISTADOR: Sim.

VALMORES: Sobre documentos governamentais.

ENTREVISTADOR: Isso.

VALMORES: O que vocês encontraram a respeito?

ENTREVISTADOR: Então, eu ia perguntar isso agora para senhora, porque a senhora comentou que o marido foi preso em Valadares né? A gente tem notícias, por favor, deixa eu só pegar meu celular aqui...

VALMORES: Porque dá base para a gente ampliar a discussão.

ENTREVISTADOR: Claro, claro, acho que eu achei agora. É que antes a gente queria deixar a Dona JANETE falar, mas agora a gente fala com ele também.

SYANETE ALVES BRAZ: A própria FUNAI trouxe o pessoal (trecho incompreensível), eles trouxeram, na época trouxeram o Senhor Benedito foi para ser pedreiro da FUNAI, fazer casas nessas fazendas aqui.

ENTREVISTADOR: Quem, Dona JANETE? Desculpa, eu não escutei.

SYANETE ALVES BRAZ: E aí, por aí deixaram.

VALMORES: Nessa região.

SYANETE ALVES BRAZ: Por isso que eles estão perdidos aqui.

VALMORES: Agora se acharam.

SYANETE ALVES BRAZ: Por culpa da FUNAI, a própria FUNAI fez isso né. Na época, trazia os índios para... Muitos seriam pedreiros assim, de...

VALMORES: Serviço dos brancos né, serviço pesado.

SYANETE ALVES BRAZ: E por aí deixaram. Aí deixaram eles por conta do “Deus dará” também né, lá nessa fazenda, aí quando o Estado pegou, o que a FUNAI fez? Nada por eles. E isso é o quê? E isso é culpa da própria entidade...

VALMORES: Consequências da ditadura.

SYANETE ALVES BRAZ: É, ditadura.

ENTREVISTADOR: A gente encontrou uma listagem que fala do nome de três Pataxó que teriam sido presos lá nos Krenak, naquele presídio feito nos Krenak. Um deles chama Samado Bispo dos Santos e o outro chama Diógenes Ferreira dos Santos. Segundo essas informações, eles teriam sido presos exatamente por atritos com o chefe de posto indígena, a gente imagina que na Bahia. Vocês têm notícias desses parentes? Eles não teriam vindo para cá, eles teriam ido para os Krenak.

VALMORES: Quais são os nomes?

ENTREVISTADOR: Samado Bispo dos Santos.

VALMORES: Samá?

ENTREVISTADOR: Samado.

VALMORES: Samado?

ENTREVISTADOR: Isso. E Diógenes Ferreira dos Santos.

SYANETE ALVES BRAZ: Você lembra de (trecho incompreensível) falando de Samado que sumiu?

VALMORES: Uhum. O outro é Jorge?

ENTREVISTADOR: Diógenes.

VALMORES: Diógenes?

ENTREVISTADOR: Isso.

SYANETE ALVES BRAZ: E isso sumiu na... Aí ele falou que era na...

VALMORES: Esse é Ferreira?

ENTREVISTADOR: Ferreira dos Santos.

SYANETE ALVES BRAZ: Em uma guerra né, que carregaram ele né.

VALMORES: Você falou em três?

ENTREVISTADOR: Isso. O outro é Dedé.

VALMORES: Dedé.

ENTREVISTADOR: Dedé Baena, ele é chamado de Pataxó, com certeza eles não usam né, infelizmente, os nomes indígenas mesmo deles.

SYANETE ALVES BRAZ: Como?

ENTREVISTADOR: Dedé Baena Pataxó, é assim que aparece o nome.

VALMORES: Nunca vi nada a respeito.

ENTREVISTADOR: Eles teriam sido confinados né, teriam ficado presos em Valadares e eu trouxe esses nomes também, porque eu fiquei pensando... Que a senhora disse que o marido da senhora passou lá para o...

SYANETE ALVES BRAZ: É, não, mas aí foi daqui para lá né.

ENTREVISTADOR: Onde que o marido da senhora ficou em Valadares, a senhora lembra dessa fazenda, desse lugar?

SYANETE ALVES BRAZ: Na Santa Paula, a fazenda chamava Santa Paula. Hoje ela é do pessoal dos sem-terra lá.

ENTREVISTADOR: É? Mas esse lugar seria para quê? Era a FUNAI que administrava esse lugar?

SYANETE ALVES BRAZ: Ah, lá colocavam os índios como presidiário lá e para trabalhar e fazer trabalhar. Agora não sei para quem que trabalhava, deve ser para eles mesmo né, porque tinha um... Como é que é o nome? Meu Deus, Capitão, na época era da... Na época ele...

VALMORES: Pinheiro.

SYANETE ALVES BRAZ: É, Capitão Pinheiro, e... Tinha um coronel lá, que eu não sei o nome dele não.

ENTREVISTADOR: A senhora falou em Valadares, Dona JANETE?

SYANETE ALVES BRAZ: Uhum.

ENTREVISTADOR: E o marido da senhora foi preso por quê?

SYANETE ALVES BRAZ: Ah, porque tem uns (trecho incompreensível) de branco, de lá mesmo sabem deles, assumiram essa terra lá né. Eram pessoas que eram acostumadas a bater nos índios, era chegar lá e querer meter o couro nos índios e ficava por isso mesmo. E nesse dia ele encontrou esse Pataxó meio atravessado também, e deu esse...

ENTREVISTADOR: E aconteceu de outros Pataxós que foram presos, assim como o marido da senhora?

SYANETE ALVES BRAZ: Não, não, mas aconteceu de ficar preso, porque não pode mais voltar de volta para a sua terra né Barra Velha, como o avô dela, o finado Henrique Chaves com a Dona Maria, que é prima. Maria, ela... Quando trouxeram eles, que iam ser funcionários da FUNAI e aí botaram eles para... Jogaram eles na fazenda lá e foram trabalhar para... Deve ser para esses coronéis, não é?

VALMORES: Nesse documento aí, quando esses Pataxós foram presos, tem datas?

ENTREVISTADOR: 1970.

VALMORES: 70?

ENTREVISTADOR: Os três no ano de 70.

VALMORES: Na década?

ENTREVISTADOR: No ano de 70, no caso deles. A gente não sabe precisar o quanto elas são verdadeiras, porque elas vêm de registros da polícia que a gente não sabe o quanto eles são feitos cuidadosamente, inclusive, porque os nomes que eles usam, raramente são os nomes como as pessoas eram reconhecidas, como é feito nos povos indígenas. Mas a gente tem notícia também, no outro relatório, de um Pataxó Hã-Hã-Hães que chamava Herculano e que ele teria sido espancado aqui na Fazenda Guarani no ano de 81.

SYANETE ALVES BRAZ: Uhum. Ele apanhou muito da polícia.

ENTREVISTADOR: É? A senhora conheceu?

SYANETE ALVES BRAZ: Aqui e nessa fazenda. De lá dessa Fazenda Ministério, trouxe o Herculano para cá.

ENTREVISTADOR: Aham.

SYANETE ALVES BRAZ: E ele era Pataxó Hã-Hã-Hães. E aí ele também trouxe esse povo né, e deixou. A própria FUNAI que trouxe.

ENTREVISTADOR: Foi a FUNAI?

SYANETE ALVES BRAZ: Foi a FUNAI que trouxe, não foi outro. Foi a própria FUNAI que trouxe esse povo, e deixou ele também por conta do “Deus dará” depois, (trecho incompreensível) já existem pessoas de Valadares perdidas, longe da sua comunidade, longe dos seus costumes. Essa família mesmo que eu estou falando, que é do Benedito Chaves, que ficou com... Preso aí, que não pode voltar mais para a sua terra natal, eles... Um foi deles que também foi... Eu acredito assim né, que eles

foram... Como você fala assim? Desse tempo da ditadura né, que eu não sei usar bem a palavra, mas eles foram massacrados né.

ENTREVISTADOR: Sim.

SYANETE ALVES BRAZ: Dessa forma né, porque trouxeram ele e não voltaram mais com eles para a terra, aí depois um tempo a FUNAI deixou eles como se fossem uma outra pessoa qualquer né, que tivesse o recurso para viver dentro da cidade. E aí onde eles foram parar, né? Aí passar do tempo, aí ficaram aqui e acolá, caçando lugar para morar, em fazendas né... Fazendas que tem pessoas que não eram bem-vindo, eles não eram bem-vindo. Mas assim, para não morrer de fome e aí resultou que ele, ao passar dos anos, morreu, bem-dizer a míngua. A mulher também, né, e deixou os filhos longe de seus costumes, longe de sua família né, que era de Barra Velha, não teve mais contato. Agora, depois, que algumas famílias estão morando aqui, outros não acostumaram mais viver a vida de comunidade. Depois de um tempo para cá, eu trouxe eles, mas alguns não acostumaram com essa vida de aldeia, de aldeiado, de levar todo esse costume, de dançar, de cantar e dessa vida cotidiana, em grupo né E aí digo assim, de comunidade mesmo, de não aceitar mais. E algumas mais velhas, alguns acostumaram a ficar aqui, mas aí perderam esse contato. Aí agora, depois de uns anos para cá, que eles... Tem quantos anos que a sua mãe tá aqui? Tem quantos anos, (trecho incompreensível) que Rita tá aqui?

INTERLOCUTOR: 11 anos.

SYANETE ALVES BRAZ: 11 né? Foi 11 anos, depois de 11 anos, deve ser (trecho incompreensível) todo aí, que eles... E aí eu... Já entrou outras pessoas na FUNAI, de gente nativo, (trecho incompreensível) Krenak, não sei se ele era administrador...

ENTREVISTADOR: Nativo?

SYANETE ALVES BRAZ: Sim. Aí ele... Falei: “Não, vou buscar eles, que eles...” né. Aí eles trouxeram algumas famílias deles para aqui e se acostumaram né. Não sei, mas já acostumou. E aí foram que foi e voltaram em Barra Velha para ver seu povo de origem né. A gente, como conhecia, foi mostrando: Esse daqui é seu parente, daqui é parente seu, daqui é parente, daqui é primo, daqui é tia, daqui é primo, tia seu, sua, mora em tal lugar, assim e assim” e aí então fez essas coisas né. E o fulano também deixou filho aí para trás né. Outros, agora, passado bastante tempo já, aí ele voltou de volta para Barra Velha né, aí tem algumas filhas dele que mora em Barra Velha.

VALMORES: Tem duas.

ENTREVISTADOR: A senhora está falando dessa questão dos costumes, teve algum momento que a senhora... Que os Pataxó foram impedidos de alguma forma né, de fazer as coisas da cultura que a senhora acredita? Os rituais, os cantos, as danças?

SYANETE ALVES BRAZ: É, assim, porque principalmente assim, de cada lugar que a gente vem... A gente vem de Barra Velha né, para... A gente veio, depois assim, de algumas lutas que nós fomos... A gente veio de um povo muito sofrido também né, então não sei se você... E a gente, por chegar aqui em Minas, a gente não praticava isso não, tinha mais isso, mais era guardado mesmo. Passado os anos que a gente viu que, na verdade, depois da luta pela terra, que a gente já queria ela... Já queria ela para nós como aldeia, não mais como fazenda, não mais como refúgio. Nós queríamos ela como terra nossa mesmo né, para ser uma terra... Como é que se diz? Batizada aí como uma aldeia né. Uma comunidade indígena. Aí que a gente foi a praticar nossas (trecho incompreensível), mas em tempo, assim, não fomos impedidos por ninguém, mas sim com medo né, fazia isso. De, enquanto ela não for nossa, nós não podemos manifestar esse ritual aqui dentro. Então depois... Então também vem por aí, por esses medos, de...

VALMORES: O fato de tirarem o índio da sua origem, do seu local, do seu habitat, já é uma forma de impedir de você praticar a sua cultura, o seu modo de viver, manifestar os seus atos, os seus costumes, então isso é automático né. Então assim, eu acho que ditadura, de uma certa maneira, e isso assim, que a gente não tem o conhecimento igual das pessoas que vivem aqui, igual eu, Firmino, finado Bastião, Zé Mané, Zé Vavá, João Milton, esses pessoais (trecho incompreensível) esse pessoal viu mais naquele período da década de 70, eles não têm sofrido essas consequências na pele assim, da pancada na pele, mas sofreu psicologicamente. Acho que a questão psicológica, ela foi muito mais agravante do que a questão de quebrar uma perna, quebrar um braço, quebrar uma cabeça e emendar. Eu acho que essa questão psicológica, ela é muito mais doída do que uma pancada, entendeu? Eu acho que, provavelmente, esse seria... Acho que a grande causa, a grande dor causada desse período tão longo da ditadura né. Acho que indiretamente nós sofremos essas consequências até hoje e, provavelmente, nossos filhos, nossos netos sofrerão, porque é uma doença, se tornou uma doença né, que fica impregnada ali...

SYANETE ALVES BRAZ: Martelando...

VALMORES: Martelando o tempo todo no seu juízo, no seu psicológico ali. Vira e volta vem alguma coisa, igual Nete mesmo acabou de falar, nós não fomos impedidos de

praticar a nossa cultura, de cultuar os nossos rituais, não. Ninguém veio aqui: “Você não pode fazer isso”, mas os caras são inteligentes, são espertos. Mais fácil eu tirar você do seu... Tira o peixe de dentro do rio lá e põe ele no seco para ver o que vai acontecer. Você não precisa falar com ele: “Você não vai nadar não”. É uma coisa automática, ele vai morrer ali, mas não vai conseguir nadar, não é verdade? Então assim, não precisa você nem falar com ele, mas isso é uma coisa automática. Vai acontecer, é natural. Da mesma maneira foi o que aconteceu com nós, Pataxós e outras nações, outros povos indígenas também né, que de certa maneira vem sofrendo com isso o tempo todo né, com essas lembranças. E isso não vem só de agora. Essa ditadura, em relação aos Pataxós, não começou exatamente nesse período da ditadura. Começou em período muito anterior né, desde a chegada dos portugueses se tornou ditadura um certo período, mas os portugueses também foram ditadores na nossa cultura, ditadores dos nossos povos. Foram eles que vieram e exterminaram nossos povos né. Ontem mesmo, na nossa aula aqui, estava falando um pouco sobre isso, vários povos que conviviam pacificamente, tinham as suas diferenças, os seus problemas, como qualquer um de nós, com a nossa família, com pai, com a mãe e com o filho, dentro da nossa comunidade. Também naqueles tempos também já existiam alguns conflitos, mas eram conflitos controlados né, que dava para resolver ali mesmo. Porém, com a chegada deles, muitos desses povos foram exterminados. O povo Pataxó, por exemplo, ele lidava, convivia com outros povos, eu até citei alguns povos aqui né: Malarias, Comunaxós, e assim por diante. Então assim, esses povos foram exterminados e os Pataxós, por estratégia, estão vivos, estão existindo até hoje porque o povo Pataxó é um povo estrategista, talvez os outros não tiveram a mesma sabedoria que nós tivemos, nossos ancestrais né, JANETE? Então, talvez por isso, nós estamos aqui hoje né. Se a gente não tivesse uma estratégia de sobrevivência, provavelmente, nós seríamos mais um povo exterminado né. Então assim, essa ditadura, que se oficializou a ditadura a partir de 60, certo período, para o branco ver, essa ditadura já vem desde da invasão europeia, desde a invasão dos portugueses. A gente falava de território, a gente tinha um vasto território para poder andar, caminhar, pescar, caçar e morar, trabalhar né, colocar nossos roçados e esse território foi limitado, foi limitado, limitado, limitado até chegar a questão do Parque Nacional né. Limitou mais ainda. Aí veio 51, mais ainda. Então assim, essas coisas vieram acontecendo. A ditadura, para o branco, começou em certo período, mas a ditadura para os povos indígenas, a ditadura começou desde o primeiro dia que os

portugueses chegaram aqui dentro. Essa é a minha concepção né. Minha concepção de entendimento, de entendimento da história como um todo, mas principalmente da história do meu povo né, de sentir esse sofrimento na pele. Minha avó, por exemplo, saiu de dentro da aldeia carregada por um branco, foi morar com um branco. Minha avó tinha 12, 13 anos de idade, será que foi ela queria ir? Não sei. Alguém será que já contou essa história também? Não tem... Você entendeu? Minha avó se casou muito cedo e assim foram muitos, muitos. Mas a gente conversou, falou da questão né (trecho incompreensível) quando se voltaram a reunir dentro de Barra Velha, e falaram assim: “Vamos fortalecer nosso grupo aqui”, é porque naquela época já existia a pretensão de expandir o povo, espalhar o povo para exterminar a cultura né. Assim como foi também na questão dos Krenak. Os Krenak foram exatamente isso. Os Krenak foi lei né.

ENTREVISTADOR: Sim.

VALMORES: Foi lei para exterminar o Krenak: “Vamos acabar. Os Krenak, vamos acabar”, foi decreto, foi decretado: “Vamos acabar com os Krenak”. Pataxó talvez não foi feito um decreto assim, mas... Ahn?.

ENTREVISTADOR: Tem muitas formas de fazer isso, né?

VALMORES: Tem muitas formas de fazer. Não precisa eu escrever aqui não, mas vou ali e vamos acabar com isso aqui né. A gente tem que registrar, a nossa oralidade também vale muito né. Então a força da oralidade, o poder que a fala tem, ela é tão forte quanto a escrita, haja vista, o que é para nós aqui, o nosso trabalho gira tudo em torno de uma oralidade, que é a nossa Professora Nete né. Então assim, a oralidade, para nós, ela vale muito. Ela tem um poder muito grande. E essa oralidade, eles souberam usar no passado, souberam usar muito bem com os nossos costumes, nossas tradições, nosso povo, nossa resistência. Mas só que aí é a questão que eu estou falando, por estratégias estamos vivos hoje.

SYANETE ALVES BRAZ: O outro delegado que tinha na época na FUNAI também, dessa década aí de 70 e poucos, por aí, era o... Chamava o delegado, é tanto que hoje, assim, hoje a gente custou a acostumar, chamar assim... Essa pessoa, que é administrador hoje né,. A gente só chamava de delegado né. Delegado fulano, delegado fulano, porque já veio isso. Era um delegado que ele...

INTERLOCUTOR: Boa tarde, todo mundo.

SYANETE ALVES BRAZ: Boa tarde.

VALMORES: Boa tarde.

ENTREVISTADOR: Boa tarde.

SYANETE ALVES BRAZ: Ele fazia tudo. A gente tinha que ficar ali naquele domínio dele né, porque ele era da FUNAI. Então não era administrador, não era uma coisa mais... Hoje né, a gente sabe que ele era um coordenador, administrador, um coordenador. Hoje, ele é coordenador né. Aí antigamente era delegado, chamava era delegado (trecho incompreensível).

ENTREVISTADOR: (Trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR: (Trecho incompreensível).

SYANETE ALVES BRAZ: É, e dizendo ele que ele era de uma origem indígena né. Mas tinha esses delegados, esses capitães, que é o capitão... Esse Capitão (trecho incompreensível)...

ENTREVISTADOR: É Pinheiro?

ENTREVISTADOR: Pinheiro?

VALMORES: Pinheiro.

SYANETE ALVES BRAZ: Pinheiro, né. Esse Pinheiro, ele comandava lá no Maxakali, no Krenak mesm né. Então era... Todo mundo era mesmo que... A própria FUNAI era uma colonizadora...

VALMORES: Sim, a principal né.

SYANETE ALVES BRAZ: Então assim, depois que chegou dentro né, botou essa regra assim e muitas coisas hoje, hoje ainda tem essa deficiência dos indígenas né, de ficar esperando pela FUNAI. Na verdade, não faz nada né. Ficou aí né, todo mundo aí preso nessa FUNAI.

VALMORES: Capitão, delegado, isso tudo era uma estratégia para fazer com que o índio se sentisse diminuído...

SYANETE ALVES BRAZ: Você vê aí, ô, só de tirar... De trazer o índio para cá, ou, às vezes, de falar, vir aqui em um certo tempo, depois falar assim: “Não, lá não tem mais índio”. Se não fosse teimosia da gente saber que (trecho incompreensível), vir para aqui de novo, a estratégia toda era acabar. “Não, vamos tira esses índios daí, entregar para o Estado”, né? “Porque nós não vamos ter mais trabalho com índio mais”. Então você vê aí que trouxe os índios lá de Barra Velha para deixar eles soltos aqui e muitos estão sofrendo até hoje, como essa família da parente Rita aí ô, com os netos, com os bisnetos desse velho, os... Ainda tem filho ainda né. Obrigado a viver numa cidade, obrigado a viver numa favela, assim, por quê? Por erro da FUNAI né, por... Então... E hoje tá lá, por conta do “Deus dará” né, que nem saúde nem a FUNAI liga para eles.

Então para eles, hoje, só é índio se tivesse dentro de uma aldeia para eles ocuparem o tempo deles de ir lá buscar o indígena para levar para consultar, para fazer um exame, para levar uma cestinha básica, uma vez ou outra, com um litro de óleo, um quilozinho de feijão preto queimado lá né. E não pode levar, porque não é índio. Mas não é índio, por quê? Por causa de quem? Né? Foi eu, foi eles que quiseram vir com a própria perna? Não foi. Então são essas coisas né.... Barra Velha mesmo, ali a gente olha assim né, que hoje... Hoje já viraram muito branco né, índio, branco. Então hoje quase que não interessa mais voltar para dentro, porque vai acabar de regaçar o resto né. Mas pelo Prado, por Caravelas, por Alcobaça, com Cumuruxatiba mesmo, dentro da cidade que eu falo né, Eunápolis ali, Ilhéus, Itabunas, por ali né. Porto Seguro mesmo, Arraial d'Ajuda, que é a cidade né, os comércio como bem-dizer né. Então assim, esses lá, naquelas por ali, por aquelas cidades ali... Com certeza, por Teixeira... Tudo tem índio né. E vieram da onde? Vieram da onde? Hoje, muitos índios têm vontade de voltar para sua aldeia, não sabe nem mais de que origem que é. Então isso foi culpa de quem, né? E quem dera que a gente achasse o culpado né. E aí, então assim, só tem marca, não tem mais a pessoa. Não tem essa pessoa mais. A gente achava que esse culpado fosse esse né. Mas tem marca, marca muito, muita marca né. Então são marcas aí, que nós mesmos né, e aí então chega naqueles lugares ali, a gente vê que o camarada é índio. A gente vê que é índio né. Que fulano parece com fulano, não, é muito índio, mas vai perguntar isso para ver: "Eu não, não sou índio não.

VALMORES: "Você é doido".

SYANETE ALVES BRAZ: "Sou caboclo danado (trecho incompreensível)", "Da onde? De Barra Velha?", "Eu não, não sou caboclo não" né? "Eu não". Então a gente vê que está ali, como dizem, está pincelado ali, ô, em uma pintura indígena ali, mas eles negam. Negam que não é índio. Por quê, né? Então são muitos índios. Eu mesmo tenho parente. Esses dias mesmo eu estava ali pensando ali, , olhei assim, eu vivo aqui só com filho né, mas eu sei que eu tenho muito parente, mas aonde que eu vou achar eles em Caravelas? Então eu tenho um tio, não sei se ele é mais vivo né, porque ele era um pouco mais velho do que meu pai. E aí, se meu pai hoje tivesse vivo, ele estava aí... Quantos anos, Valmor, será hein? Que o pai será que estava com...

VALMORES: Tá com...

SYANETE ALVES BRAZ: Deve tá com 85, uns 80 anos ?

VALMORES: Uns 80 né. 80 á 90 já.

SYANETE ALVES BRAZ: Não, acho que ele estava com 70 e poucos.

VALMORES: Será? Ele tinha quantos anos?

SYANETE ALVES BRAZ: Ele morreu com uns 90 né, quase.

INTERLOCUTOR: (Trecho incompreensível).

VALMORES: Ele morreu com uns 40, né?

SYANETE ALVES BRAZ: É, mais ou menos, meu pai morreu... Deve ter morrido com uns 40.

VALMORES: É, acho que você falou que era 40 mesmo.

SYANETE ALVES BRAZ: Então assim, talvez esse irmão aí do meu pai não esteja mais vivo, mas, com certeza, deve ter muito primo, primo carnal né, que eu não conheço. Mas lá em Caravelas, se eu ver eles... Em Alcobaça né, eu perguntava... Eu posso passar por ele: “Você é índio?” ele: “Eu não, Deus me livre”. Então, porque? (Trecho incompreensível) foram as consequências...

VALMORES: Ainda mais naquela região que o preconceito é mais... Intenso né.

SYANETE ALVES BRAZ: Então, por isso mesmo que a gente assim, não foi impedido falar de nenhuma pessoa, falar assim: “Não, você não vai cantar aqui”, sim, mas nessa voz né. Na memória de não cantar. Agora que estou lembrando, Demiro né, meu marido, ele foi, na década de 84, Cacique, foi onde ele estava muito doente.

ENTREVISTADOR: Uhum.

SYANETE ALVES BRAZ: E apareceu com um caroço no olho e aí deixaram lá esse pessoal desse Deputado Antônio Farias que levou ele para se tratar. “Nós vamos lutar pela terra e você vai se tratar”. Aí ele juntou lá o pessoal para levar eles no lugar, aí falou que tinha um índio lá que tinha assim, para fazer um cante lá e foi cantar e foi tirado de lá, foi barrado: “Não, você (trecho incompreensível)”. E aí então assim, isso fica muito na cabeça né, da gente, mas estava aguentando muito isso, né. E depois que...

VALMORES: Só (trecho incompreensível) o massacre dos coiotes, né?

ENTREVISTADOR: Sim.

SYANETE ALVES BRAZ: Então, a FUNAI, muita coisa ela já vem aí né... Antes da ditadura também, quem foi o culpado um bocado também foi a própria igreja. Não sei se vocês são muito apegados à igreja, eu também sou né, mas... Tem o respeito, né.

ENTREVISTADOR: Do quê a senhora fala assim?

SYANETE ALVES BRAZ: Para mim estar lá dentro de uma igreja católica assim.

ENTREVISTADOR: Acompanham.

SYANETE ALVES BRAZ: Debaixo de uma batina do padre ali, junto com um monte de caridade... Não sei se... Talvez, pode ser que eu até pague por isso, mas não vou pagar não, porque... Mas eu não, hoje eu tenho...

ENTREVISTADOR: Mas teve alguma coisa da participação da igreja assim, que a senhora acha mais importante assim?

SYANETE ALVES BRAZ: É de ficar assim, de catequizar os índios né.

ENTREVISTADOR: Sim.

SYANETE ALVES BRAZ: (Trecho incompreensível) então da escolha.

ENTREVISTADOR: Sim.

SYANETE ALVES BRAZ: Então são coisas que... Mas a gente (trecho incompreensível).

ENTREVISTADOR: E a senhora, como uma mulher que é cacique, a senhora acha que as mulheres indígenas sofreram alguma violência diferente dos homens, assim?

SYANETE ALVES BRAZ: Ah, sofreram.

ENTREVISTADOR: É?

SYANETE ALVES BRAZ: (Trecho incompreensível). Na Revolta de 51, principalmente assim né, como também aí nos Krenak que tinha muita violência, que (trecho incompreensível). Então, nós Pataxó, na época de 51, na Revolta de 51, mas eles foram muito (trecho incompreensível), foram muito massacradas. Foram (trecho incompreensível). Então não...

VALMORES: (Trecho incompreensível).

SYANETE ALVES BRAZ: É. Então, muitas índias antigamente nem (trecho incompreensível), tem velhas lá, que tem índia velha que morreu e outras (trecho incompreensível) não quiseram voltar mais para a aldeia né (trecho incompreensível). E muitos outros acham ainda, que ser índio ou qualquer hora falar que é índio, tá sofrendo essas coisas, porque hoje ainda existe ainda né. Alguns índio, que hoje são massacrados ainda pela sua própria terra né, que ainda está acontecendo ainda. Hoje, igual eu falei, muitos querem, muitos índios querem voltar, talvez para a sua terra e não pode mais, né. Por algum motivo eles foram saído dali. E (trecho incompreensível) irmão, nas suas terras... Hoje, como é que volta mais né? Quando tá aí os Caxixotas, os Aranã, Jucuri, né. Então quem tão nas suas terras, né? (Trecho incompreensível) os grandes que estão aí, são esses que estão com as terras. A maior parte das terras indígenas, né (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR: E hoje, para poder eles terem direito na terra que foi tomada deles, a gente vai muito na cara né. E aí não é índio, para quer terra? Não é índio, por causa de quê? Né?

SYANETE ALVES BRAZ: Pois é. Culpa de quem eles terem saído

INTERLOCUTOR: Então, hoje, eles precisam ficar mendigando aí para poder ver se consegue um pedaço de terra. Provar que eles merecem ainda, né. Então, muitas vezes, se não tem a característica de totalmente de índio hoje. Se um hoje fala assim, vê um cabelo mais enrolado né? Se vê um mais dos olhos espichados, né? Se vê um mais claro... Claro né: “Ah, você não é índio. Você não é filho de índio”. Se vê um outro já mais moreno: “Ah, você não é filho de índio. Você é filho de negro”, “E você não é filho de uma índia, você é filho de uma loira, de uma branca qualquer aí”. Então assim, pela parte de como o Val falou, desse massacre psicológico aí, a gente sente muito na pele hoje. Então, às vezes, o filho da gente já nasce um pouco diferente... Ou a gente, já por ter essa mistura, o fato deles também né. E hoje a gente vê outras pessoas, não índias, ainda continuando a falar isso que a gente não é, né. Mas muita culpa foi do próprio governo e um bocado de índio, como diz a história, dos não índio né, que fizeram a gente hoje ser diferente do outro. Mas que o sonho não deixou de ser diferente. Não há essa diferença no próprio sangue, a gente pode ter a diferença na aparência, mas o sangue não é diferente. É o mesmo.

ENTREVISTADOR: Senhor Val, Val né, seu nome?

VALMORES: VALMORES

ENTREVISTADOR: VALMORES. A gente pode enviar para vocês, se vocês acharem interessante, tudo que a gente conseguiu levantar sobre os Pataxó aqui em Minas.

VALMORES: Eu gostaria.

ENTREVISTADOR: A gente não tem pesquisas sobre a Bahia né, porque como o nosso trabalho é desse momento, como a Comissão é estadual, a gente não teria como te... A gente ter o material dessas coisas, mas a gente tem condição de entrar em contato com você e enviar, tá? A gente precisa só de um tempinho para organizar as coisas, mas em algumas semanas assim, eu acho que a gente conseguiria mandar para o vocês, pode ser?

VALMORES: Tranquilo.

INTERLOCUTOR: Qual endereço?

INTERLOCUTOR: A gente pega depois. Você quer perguntar do Deputado, que ela falou aí?

ENTREVISTADOR: Pode perguntar.

INTERLOCUTOR: Como é o nome dele completo?

INTERLOCUTOR: Antônio Farias.

ENTREVISTADOR: Acho que é Antônio Farias, né.

VALMORES: Só a questão da data aqui, foi quando? 80 e quando?

ENTREVISTADOR: 81.

VALMORES: 81?

ENTREVISTADOR: 81. Em junho de 81 e teria sido aqui na Fazenda Guariúna.

ENTREVISTADOR: Quer falar?

INTERLOCUTOR: Pode falar.

ENTREVISTADOR: A senhora estava comentando... A gente encontrou o nome de uma pessoa, que chama Mara Vanessa, ela teria trabalhado aqui. A gente não sabe dizer, mas provavelmente em alguma organização não governamental, e ela chegou... segundo esses documentos, a mandar informação para um Deputado que chama Antônio Farias. Ela estaria tentando denunciar as situações de violência que estavam acontecendo aqui nos Pataxó. A senhora lembra dessas pessoas?

SYANETE ALVES BRAZ: Lembro.

ENTREVISTADOR: É?

SYANETE ALVES BRAZ: Um foi desses órgãos, que eu falei que tinha né. Então tinha o CINE, tinha o Curário. Um grupo, que chamava grupo Curário. Tinha um grupo que chamava o Grek...

ENTREVISTADOR: Como que chamava, o Grek?

SYANETE ALVES BRAZ: Grek.

ENTREVISTADOR: Ah, sim, Grek.

VALMORES: Sedek, também, né

SYANETE ALVES BRAZ: É, o Sedek, que também foi bem... Ficou muito pouco, parece um pouquinho, mas também estava mostrando isso né. Mas logo, logo nessa década de 84 por aí era... E a Vanessa, como ela já tinha... Já conhecia os Pataxós da Bahia, aí ela juntamente com o Nande, o Lairindo, o Zé Neto... O Nante né, que chama Leandro. O nome dele, não sei se ele está hoje ainda, mas ele já foi, se ele não tá, ele foi o diretor do Parque do Mangabeira por duas vezes já. Não sei se ele se encontra lá ainda, mas, e aí como eles conheciam a gente e ajuntou esses grupos com o CINE, que coligado a eles né E aí começaram. Então a Vanessa, ela também estava nessa

luta. Na época, acho que ela fazia jornalismo. Não sei se era jornalismo, parece. Não me lembro bem, né.

VALMORES: (Trecho incompreensível).

SYANETE ALVES BRAZ: É, a Vanessinha né.

ENTREVISTADOR: Hoje ela tem uns 50 anos assim, mais ou menos?

VALMORES: (Trecho incompreensível) na UFMG.

ENTREVISTADOR: Ah, é?

SYANETE ALVES BRAZ: É. E aí ela também foi uma das (trecho incompreensível). Na época, acho que ela fazia esse negócio aí, que não... Acho que fazia jornalismo, né. E Zé Neto ele estava... Acho que recente de tinha acusado de roubado né (trecho incompreensível) e o irmão dele também. Eu sei que era um grupo, um grupo e um grupo familiar né. Que aí estava junto, então ela foi um dos que... Ela foi das primeiras. Então todo esse material, todo o tempo das aulas ali, estava lembrando ali, dessas pessoas assim, (trecho incompreensível), só que esses documentos nunca chegaram nas mãos da gente né. Tinha um outro também, que foi nessa área ali, antes de último (trecho incompreensível). E aí a Samara, ela... E aí o Deputado era o Antônio Farias. Então tinha o Antônio Farias, e tinha umas pessoas dele também, o Antônio Farias foi um dos deputados que pegou essa causa aqui. Eu não sei se na época ele era estadual ou se era federal assim, não sei, não lembro da história não, senão vou especular. Mas esse deputado foi um dos que deu muita força, ele era porta-voz nossa e também juntamente com o governo, com o governador de Minas Gerais, na época, Tancredo Neves. Tancredo Neves foi um governo que... Ele foi um... Não foi com... Foi logo, logo ele já... Assim, que levaram ao conhecimento dele, teve uma investigação aqui né, para ver o que era nosso aqui dentro assim para poder não se adaptar aqui dentro, já tinha adaptado, na verdade, né. Com todo sofrimento assim mesmo, mas... E aí foi um deputado que nos ajudou muito a conquistar essa terra.

ENTREVISTADOR: É?

SYANETE ALVES BRAZ: É. Muito, muito. Tem uns 15 nos que eu vi ele (trecho incompreensível) demais.

ENTREVISTADOR: E aí aparece também, em uma listagem da FUNAI o nome de alguns Pataxó, que eu vou dizer para vocês, e a senhora me dá notícia, por favor. Estevão Viana, Creuza Braz da Conceição, Sebastião Alves, e José Terêncio Braz. A FUNAI diz que essas pessoas eram lideranças Pataxó que estavam aqui atuando com vocês, isso é verdade?

SYANETE ALVES BRAZ: Como é o nome, Estevão?

ENTREVISTADOR: Estevão Luiz Viana.

VALMORES: (Trecho incompreensível).

SYANETE ALVES BRAZ: (Trecho incompreensível).

ENTREVISTADOR: É Krenak?

SYANETE ALVES BRAZ: Uhum.

ENTREVISTADOR: Creuza Braz da Conceição, Sebastião Alves e José Terêncio Braz. A senhora conhece eles?

SYANETE ALVES BRAZ: O José Terêncio, ele saiu daqui, aí ele mora lá em Açucena.

ENTREVISTADOR: Açucena?

SYANETE ALVES BRAZ: Em Açucena assim, como diria, como se fosse o município né. Mas ele mora numa terra lá, que aonde foram para lá, ocuparam essa terra, que é um parque. Mas eles moram lá, acho que já 7 anos, 6 a 7 anos que mora lá. Já tem sete anos que não moram por aqui.

ENTREVISTADOR: E eles são Pataxós mesmo?

SYANETE ALVES BRAZ: São Pataxós. Ele foi um que veio aqui, veio para essa terra como preso né.

ENTREVISTADOR: A senhora sabe o porquê?

SYANETE ALVES BRAZ: Também porque ele deu umas palmadas em um branco lá.

VALMORES: No sobrinho dele.

SYANETE ALVES BRAZ: Deu umas palmadinhas lá nele.

ENTREVISTADOR: Mas isso foi antes da senhora vir?

SYANETE ALVES BRAZ: Foi.

ENTREVISTADOR: Foi?

SYANETE ALVES BRAZ: Não lembro bem, mas foi... Acho que na década de 73, 74, por aí. E a Creuza, ela também morou aqui, mas ela não fazia parte da liderança não. Agora, aí depois... É tanto que logo nessa época, aí, quando até como eu falei né. Voltando atrás um pouquinho, como a gente não teve como fazer esses rituais, que não era hora né. Não tinha uma terra assim para a gente fazer, aí eles... Aí nessa época não tinha cacique, quando essa terra aqui era como terra pros presidiários aqui. Aí depois na década de 84 também, tudo começou em 84 né. Como diz a música, tudo começou voltado a gente querer essa terra e fazer ela em uma terra indígena e aí tudo

voltou a 84, e tudo voltou como Vice-Cacique. E o Sebastião Alves, que aí é o irmão do meu marido, foi esse que veio em 70.

ENTREVISTADOR: Ele se tornou Cacique, é isso? A senhora é Vice?

SYANETE ALVES BRAZ: Não, na época aí, em 84, eu tornei a fazer parte do grupo de liderança, também para sair, para falar, ajudar também aí. E pouco tempo que eu virei a ser Cacique, deve ser uns oito anos, por aí. Uns sete, né.

ENTREVISTADOR: JANETE, tem alguma coisa que a gente não conversou, que a senhora acha importante nos dizer assim?

SYANETE ALVES BRAZ: Não, acho que não. Quer falar alguma coisa?

INTERLOCUTOR: (Trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR: Dona Nete, a senhora estava falando do Herculano, o que aconteceu com ele?

SYANETE ALVES BRAZ: Na época, eu não fiquei sabendo assim o porquê mesmo né, que fizeram isso com ele não, mas foi a polícia aqui dentro né.

ENTREVISTADOR: O que aconteceu depois, que ele voltou?

INTERLOCUTOR: Depois ele foi embora para a aldeia dele?

SYANETE ALVES BRAZ: Ah, sim. Aí depois nessa época, aí a FUNAI pegou ele e levou para a Barra Velha né. Aí levou para Barra Velha, não levou lá para o Canguru Hã Hã Hãe, né. Aí levou para Barra Velha, aí ele quis ir para Barra Velha, porque... E na verdade, tinham ele aqui como funcionário da FUNAI, ele veio na época lá do Pataxó Hã Hã Hãe para ser funcionário da FUNAI, assim como aconteceu com o Sebastião também, para terra lá da Fazenda Ministério. Ele, o Herculano, Sebastião e o Benedito para ser funcionário da FUNAI. Agora acho que trabalhava era para eles mesmo, para eles mesmo, era ótimo e depois que acabou tudo, deixaram eles com a “Deus dará” (trecho incompreensível) Funai também (trecho incompreensível) presente.

INTERLOCUTOR: E a senhora sabe que tipo de trabalho era feito nessa Fazenda Ministério?

SYANETE ALVES BRAZ: Trabalhava lá de plantio, fazia horta, eles faziam... Platavam horta de todo tamanho, roça, arroz.

ENTREVISTADOR: Agora, a senhora comentou que o Herculano, por exemplo, o Sebastião, eles se tornaram funcionários da FUNAI, que trabalho que eles fazem?

SYANETE ALVES BRAZ: Pois é, era esses trabalhos aí.

ENTREVISTADOR: Eles quem fazem esses trabalhos?

SYANETE ALVES BRAZ: É. E esse, o avô da Maiara aí, era para ser pedreiro, servente de pedreiro para a FUNAI. Aí depois que acabou o Pedreiro, aí acabou tudo, coitado. Aí foi apedrejar mesmo, umas feridas, (trecho incompreensível) uns perdidos por lá.

ENTREVISTADOR: Então esses indígenas não tinham um papel assim, de cuidado com os outros indígenas, de relação com a FUNAI, não era esse tipo de coisa assim, de assistência que eles faziam?

SYANETE ALVES BRAZ: Na hora que também a própria FUNAI botava né, para tomar conta dos outros, como se fosse (trecho incompreensível).

ENTREVISTADOR: É? Aconteceu isso aqui?

SYANETE ALVES BRAZ: Chegou acontecer sim.

ENTREVISTADOR: Mas desses, teve algum que era formado para ser guarda mesmo, indígena?

SYANETE ALVES BRAZ: Nada.

ENTREVISTADOR: Não?

SYANETE ALVES BRAZ: Não, só mesmo de boca mesmo.

INTERLOCUTOR: A senhora sabe quem são os índios ou o índio que fazia essa vigília?

SYANETE ALVES BRAZ: Na verdade, ele veio de fora né, ele veio de fora. Mas, depois ele não aceitou não, saiu fora e saiu daí chutado logo no rumo de nós. Ele chamava Santo, agora não sei de onde que ele veio, esse tal de Santo. Não sei nem de que lugar que ele veio, ele veio (trecho incompreensível). Como diz o dizer, não estamos muitos anos não, (Trecho incompreensível), não é terra mais de presídio não.

ENTREVISTADOR: Assim, a gente agradece demais a senhora...

SYANETE ALVES BRAZ: Eu fiz o que a gente pode, (trecho incompreensível).

ENTREVISTADOR: A gente agradece demais assim, a senhora dar esse tempo para gente, partilhar da sua sabedoria com a gente. A gente aprende muito mesmo, nesses momentos. E eu queria perguntar se a senhora acha que é possível, quando a gente for falar sobre os problemas que aconteceram com os indígenas aqui em Minas, com os Pataxó, se a gente pode usar essa conversa para esse trabalho, se a senhora autoriza?

SYANETE ALVES BRAZ: Pode sim, que foi acontecido mesmo né.

ENTREVISTADOR: Sim, com certeza.

SYANETE ALVES BRAZ: Né? Assim, na própria assim da FUNAI né? Que olha assim, o fraquejo dela, na época que nem ela viu que os índios aqui... Né? E aí não sei porque que queria voltar essa terra de novo para o Estado, entregar. Não sei se era para não ter trabalho com os indígenas, talvez para não voltar aqui em uma terra indígena, né. Sabia que ia ter aí as pessoas para olhar, por exemplo assim, como chefe de posto, que hoje chamam de chefe do CTE, essas coisas assim, que nem aqui hoje não tem ainda mais. Nós estamos por conta aqui mesmo de... A “Deus dará” também, né, porque nem chefe de posto tem. E hoje ela é uma terra demarcada e o descaso que o próprio governo faz até hoje e aí então eu não sei nem que fraquejo foi que ela quis entregar essa terra e está ali negando que aqui não tinha indígena. Mesmo se tivesse um, mesmo se tivesse um índio aqui, né. Mas que ela podia falar: “Não, lá tem”... Né? “Tem um indígena lá. Como é que faz? Nós vamos colocar ele aonde?”. Não, quer dizer, se o Estado para baixo de conta, ele era um Estado que (trecho incompreensível).

VALMORES: Uma das possibilidades JANETE, uma das possibilidades é quem tomava conta da FUNAI, talvez aquele grupo queria se apropriar desses territórios, como se fosse o Estado.

SYANETE ALVES BRAZ: Como o Maxakali né?

VALORES: Que aí depois, como eles tinha todo o conhecimento de como funcionava, e como legalizar, é fácil eles passarem a documentação para o nome deles.

SYANETE ALVES BRAZ: Não fez.

VALMORES: Não fizeram isso nunca em Maxakali.

SYANETE ALVES BRAZ: A maioria das partes da terra lá era do Capitão Pinheiro.

VALMORES: Maxakali e muitos outros povos indígenas no Brasil inteiro foi feito isso né.

SYANETE ALVES BRAZ: Maxakali, a maioria das terras deles lá, é não sei se é onde mais, mas é do tal Capitão Pinheiro.

VALMORES: A conquista dessa terra aqui, é mais uma forma da resistência e inteligência do povo Pataxó.

SYANETE ALVES BRAZ: Um bocado das terras indígena do Maxakali, eram os profissionais da FUNAI né, aonde muitos se apoderaram da sua renda para poder comprar os índios né. Muitos dessas terras lá né, do Renato também não se fala, que era também de outros capitão lá.

VALMORES: (Trecho incompreensível), (trecho incompreensível). Pegou tudo que tem lá, praticamente é tudo (trecho incompreensível), quase todo o território.

SYANETE ALVES BRAZ: Trabalhava para quem?

VALMORES: É. Tanto que até pouco tempo né, eles que mandavam tudo ali naquela região, sempre Prefeito, sempre Prefeito, eles mandava tudo.

SYANETE ALVES BRAZ: E era o quê? Ditadura, né. Nós faz isso com os índios, escorraça eles e levo as terras deles, né.

ENTREVISTADOR: Sim.

SYANETE ALVES BRAZ: Assim também como não é o caso daqui da Bahia, mas foi assim né. Então aqui... Lá na Bahia, na década de 60, quando eu entendia de gente né. Eu sou de 66, mas na década de 60 já ouvia guarda impedindo dos índios botar suas roças e fazendo o diacho a quatro com os índios. Para a maioria da parte da terra, da mata virgem, que hoje se trata como Parque Nacional, que é o pé do monte, que foi a primeira terra à vista dos Portugueses né, aí eles fizeram assim para poder ter essa terra como terra, para ser um parque né, escorraçando os índios. Do mesmo jeito aqui que a própria FUNAI que... Eu falo a FUNAI, porque foi ela queria entregar a terra, se fosse o Estado que acompanhasse, ele não ia voltar essa terra para nós de novo. Mas aí, ô, então tem tudo isso né. Se nois abre mão, ia ficar aí o funcionário da FUNAI, um capitão aí, um general aí, para tudo isso aí, com toda essa terra. Porque já tinham escorraçado os agregados por causa de tudo. Então é palavra verdadeira do que a gente entendeu, do que a gente viu, do que a gente lutou né.

ENTREVISTADOR: Muito obrigada, vi? Muito obrigada.